

O silêncio e a caricatura: a recepção crítica do romance de Lima Barreto na primeira metade do século XX

Elder Bruno Fernandes Pereira* 

Marcello Moreira 

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Correspondência: eldergbi@gmail.com

RESUMO

O presente estudo analisa a recepção crítica da narrativa ficcional de Lima Barreto no início do século XX. Parte-se da compreensão da literatura como produção artística dotada de sentido em si mesma, de modo que o foco da análise recai sobre os modos como ela foi interpretada e avaliada em um dado contexto. Nesse sentido, investiga-se como a crítica literária, fortemente vinculada aos valores estéticos e ideológicos hegemônicos do Brasil nas primeiras décadas do século XX, reagiu a um projeto literário que rompia com os parâmetros canônicos de seu tempo. A pesquisa fundamenta-se na análise de jornais e revistas publicados entre 1907 e 1952, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, com especial atenção às recepções dos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Os Bruzundangas*. Argumenta-se que a narrativa de Lima Barreto, ao deslocar o foco da literatura não objetificada para personagens negros e mestiços e para a exposição das contradições sociais e raciais do período, produziu uma quebra de expectativas em relação ao cânone vigente, o que contribuiu para uma recepção marcada por resistência, desqualificação e leituras redutoras. Ao mapear essas formas iniciais de recepção, o artigo evidencia como se constituiu uma memória crítica que condicionou as primeiras representações das obras de Lima Barreto e ajudou a delimitar os sentidos atribuídos à sua narrativa no cenário literário brasileiro do início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE:

Lima Barreto
Recepção crítica
Representação racial
Cânone literário
Silenciamento
Memória social

SUBMETIDO: 5 de março de 2026 | ACEITO: 28 de abril de 2026 | PUBLICADO: 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

No Brasil da primeira metade do século XX, as estruturas sociais que perpetuavam classificações raciais de forma hierarquizada funcionavam como filtros que

tendiam a influenciar as recepções críticas da época. Foi sob esse prisma que a literatura de Lima Barreto, que traz uma narrativa ficcional que coloca o negro em um lugar oposto ao da objetificação, foi inicialmente recebida por uma crítica literária marcada por valores elitistas e preconceitos raciais. Esse processo reflete como a memória coletiva influencia a forma como a sociedade constrói suas representações, valorizando determinados discursos em detrimento de outros e, por vezes, categorizando ou distorcendo o real valor artístico e literário.

Segundo Halbwachs (1990) existe uma memória interna, a pessoal e autobiográfica, e outra externa, a social. A primeira se apoia na segunda, e a segunda é bem mais ampla que a primeira. Isso ocorre porque, para o indivíduo lembrar de algo, ele precisa, em alguns casos, recorrer a pontos de referência fora dele, nas memórias do outro, pois ele não viveu efetivamente a experiência, mas teve contato com ela por meio de livros ou jornais, por exemplo. Logo, um juízo de valor quanto ao romance barretiano pode se instalar em um indivíduo que não teve necessariamente um contato com a obra ou que tal contato pode ter se dado à luz de um juízo de valor já preestabelecido pela crítica. Temos aqui um ponto interessante, pois localiza uma construção de sentido por meio de uma relação dinâmica entre as memórias coletivas e individuais.

A ideia de que a memória social influencia a subjetividade dos indivíduos implica dizer que os críticos, imersos em um meio social carregado de preconceitos étnicos, tenderam a filtrar suas percepções quanto às obras barretianas através de uma lente historicamente construída. Isso explica, em parte, o porquê de Lima Barreto não ter recebido em vida o devido reconhecimento como autor de destaque na literatura brasileira. Não se trata de assumir um movimento simplista de causa e efeito; contudo, o fato é que a crítica literária do início do século XX se mostrou alinhada às estruturas de poder e aos valores culturais hegemônicos da época, o que resultou em uma recepção marcada por vozes que descredibilizaram as produções barretianas.

Assim, a memória socialmente construída tende a influenciar a recepção crítica ao filtrar os sentidos possíveis de uma obra literária. As construções de juízos de valor dadas pela recepção crítica são produtos dessa memória coletiva, organizando as experiências e definindo os limites do que deve ser reconhecido ou marginalizado. Portanto, a compreensão da recepção crítica de Lima Barreto

deve levar em conta o papel da memória social na formação dos juízos de valor e na construção das representações culturais. Somente ao considerar a relação de sua narrativa com as que o antecederam e a influência dos contextos sociais, culturais e históricos é possível compreender as razões pelas quais sua literatura, especialmente no que diz respeito à questão étnico-racial, causou resistência crítica em seu tempo e foi ressignificada em períodos posteriores.

Além disso, nos parece acertado dizer que o constante movimento da memória está correlacionado à dinâmica histórica das representações, que se renovam e se adaptam às mudanças socioculturais e às formas de pensamento. Seguindo por esse caminho e buscando um paralelo quanto às formas que se deram as recepções críticas da literatura barretiana, julgamos razoável deduzir que o exercício de produção de sentidos por meio da leitura, levando em consideração o contexto histórico e cultural, resulta na produção, ou reprodução, de representações que variam de acordo com os horizontes de expectativas dos leitores e as condições materiais de circulação e apropriação das obras. Assim sendo, argumentamos que o conceito de horizonte de expectativas, proposto por Jauss (1994), e a ideia do mundo enquanto representação, proposta por Chartier (1991), têm como ponto de contato a noção de que a interpretação tanto do mundo quanto da produção de sentidos resultantes de uma narrativa literária é mediada por fatores socioculturais. Isso porque o movimento de construção de significados é um processo dinâmico, moldado pela subjetividade e pelo contexto em que o indivíduo está inserido.

Para Jauss (1994), a interpretação de uma obra literária é fruto de um diálogo contínuo entre o texto e os leitores, sendo influenciado pelo horizonte de expectativas de cada época. De forma equivalente, ao nosso ver, Chartier (1991) argumenta que as representações do mundo são negociadas e reinterpretadas constantemente, à medida que novos discursos e práticas culturais surgem. Dessa forma, a recepção de uma obra literária e a percepção da realidade são processos históricos e subjetivos, estando sujeitos a revisões e atualizações contínuas. Isso porque, quer seja na recepção crítica da literatura ou na percepção do mundo enquanto representação, os significados são sempre mediados, filtrados e transformados pelas experiências e representações que se somam e se modificam no processo que compõe o cenário cultural e subjetivo de cada época.

Lima Barreto e sua recepção crítica no início do século XX

Segundo Jauss (1994), os sentidos do texto não estão definidos em seus referentes, mas sim nessa sua articulação com o mundo das experiências humanas dentro de um determinado contexto. O lugar ativo que o leitor ocupa coloca-o na condição de construtor de sentidos móveis, tecidos no contexto do encontro de sua experiência singular com o enunciado da narrativa. Ele não é visto aqui como uma figura estática, isenta de voz; pelo contrário, o leitor está implicado no trabalho de interpretação que envolve os elementos de sua vida em movimento com o enunciado do texto. Dessa forma, o público e a dimensão sociotemporal influenciam diretamente a produção de sentidos advindos da recepção crítica de uma obra literária. Logo, o conteúdo do texto literário não produz uma imagem fixa, pois os caminhos para sua recepção são múltiplos e móveis.

A literatura barretiana ocupou esse espaço disruptivo ao apresentar uma outra perspectiva representacional para as questões raciais e a estratificação social presentes no cenário literário do Brasil do início do século XX. Nesse cenário, o autor trouxe os holofotes para o protagonismo do negro, mestiço, pobre e suburbano de maneira não objetificada e sem o filtro da naturalização que tende a justificar ideias racistas. Os ecos dessa sua narrativa ressoaram por um caminho do lúdico, o qual é marcado, ao nosso ver, por uma visão mais autêntica e multifacetada quanto às relações do humano com o seu próximo. Sua literatura é, em muitos sentidos, um veículo propagador de narrativas que retomam e, ao mesmo tempo, que buscam romper com uma representação do negro posta por uma sociedade que tem uma base simbólica fundamentada na ideologia racista.

Nos arriscamos a dizer, assim, que Lima Barreto construiu um movimento artístico que, em diferentes medidas, materializou uma ação de resistência contra o racismo. Acontece que suas obras questionam estereótipos ao problematizar contradições e desafios enfrentados pelos personagens negros e mestiços em um Brasil profundamente marcado pela desigualdade social e racial. Ao romper com estereótipos e oferecer narrativas mais complexas quanto às dimensões do humano, Lima Barreto deixou um legado importante na literatura brasileira, destacando-se como um escritor que, através de sua narrativa e temática, confrontou um conjunto de valores simbólicos que fundamentavam as relações socioculturais de seu tempo. Como destaca Cuti:

A luta entre escravizados e escravizadores mudou sua roupagem no biombo do século XIX para o século XX, mas prossegue com suas escaramuças, porque a ideologia de hierarquia das raças continua [...]. Com a democracia jurídica, o esforço para alterar as mentalidades encontrou grande apoio, porém as noções cristalizadas de superioridade racial mantêm-se renitentes, e os argumentos de exclusão racista persistem para impedir a partilha do poder em um país étnica e racialmente plural. E a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação. (2010, p.12.)

Lima Barreto parece se apropriar e ressignificar a representação social da memória concernente aos negros para fundamentar seu projeto literário, de modo que as vozes de seus protagonistas sejam inseridas em uma narrativa de denúncia e enfrentamento ao racismo. Nesse sentido, sua perspectiva se desdobrou por um caminho de superação dos entraves de uma narrativa literária estereotipada. Alguns elementos-chave que são facilmente identificados em suas obras são: a postura combativa de personagens negros e mestiços contra a cultura racista; a relação dialética dos espaços urbanos, notadamente a interação entre o centro e os subúrbios; uma linguagem construída através do filtro da cultura popular e não bacharelesca; uma predominância de protagonistas negros e mestiços; a representação de uma memória do subalternizado; conflitos étnicos e tantos outros aspectos e verossimilhantes que perpassaram pela história do Brasil no final do século XIX e início do XX.

O matiz da exclusão e aceitação dos escritos barretianos causou mudanças mais ou menos bem delimitadas no mapa de sua recepção crítica. Tanto durante a sua vida quanto em algumas décadas após sua morte, o perfil geral da recepção barretiana deu-se prioritariamente pelo silêncio e descrédito. É válido dizer que seu projeto estético despertou alguma atenção no sentido de reconhecimento enquanto uma arte potente. Contudo, o que até então vigorava majoritariamente era o coro de que suas produções eram atreladas à caricatura e ao excessivo personalismo.

A recepção de seu romance de estreia no mundo literário, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, foi além da dicotomia entre elogios e críticas desfavoráveis em relação à sua qualidade narrativa. Paradoxalmente, o silêncio em torno da obra de Lima Barreto revela muito sobre sua recepção, como observa Schwarcz, quando afirma que “se considerarmos o silêncio como uma

forma de recepção, podemos dizer que *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* fez barulho" (2017, p.289).

Segundo Lins, "Lima Barreto permaneceu marginalizado no ambiente intelectual das primeiras décadas do século XX" (1976, p.51). Sua dinâmica singular na produção artística causou, por vezes, uma ideia nos críticos de que sua narrativa se estruturava como uma sobreposição da realidade. Era como se fosse um filtro, uma máscara, um véu que envolvia os acontecimentos do seu cotidiano, assumindo sua forma. Assim, suas obras eram interpretadas, mais do que ocasionalmente, como um testemunho pessoal ou uma representação espelhada da realidade.

Decerto, o amplo e devido reconhecimento em vida não foi o destino de Lima Barreto. Sua literatura foi muito criticada por abarcar uma proposta ficcional que, embora não componha um espelhamento da realidade, faz uso de elementos concretos do cotidiano como matéria-prima na confecção do seu universo lúdico:

O grande pecado da obra de Lima Barreto e donde vêm as imperfeições maiores é querer transformar o romance, e que deve ser obra de imaginação, e com todas as qualidades emocionais e poeticamente sensíveis da ficção, em instrumento de ação; mudar em significação prática os efeitos de uma tão diferente natureza da sua arte? (Montenegro, 1956, p.15.)

Além da crítica ao dito caráter panfletário que foi atribuída à literatura barretiana, também a chamaram pejorativamente de narrativas pesadamente marcadas pela caricatura:

Sente-se, em muita parte dos romances de Lima Barreto, o romancista em quem o calculado espírito de reforma não raro domina o espírito espontaneamente criador. Sente-se na ênfase, por vezes, dos seus personagens, no excesso das suas caricaturas. Caricaturas deste exagerado mau gosto. (Montenegro, 1956, p.15.)

Sodré destaca que a literatura barretiana, "apesar de seu desleixo, de suas insuficiências de criador do abuso do traço caricatural, apresentou uma galeria numerosa, viva, colorida" (1977, p.505). Vemos aí que o que Lima Barreto testemunhou quanto à recepção crítica das suas obras foi o silêncio, alguns elogios e uma acentuada crítica. Segundo Paula Jr. "críticos importantes como Medeiros & Albuquerque e Alcides Maia foram unânimes em apontar as fraquezas da narrativa barretiana, vista como excessivamente confessional, panfletária e disforme em sua composição" (2019, p.213). Consequentemente, Lins

afirma que a sua narrativa literária foi construída de forma peculiar, em que seus personagens não interagem:

Observa-se então que, assim como as personagens de Lima Barreto não atuam jamais umas sobre as outras, mantendo-se isoladas num grau que o romance ordinariamente não comporta, sucedem-se nestes livros as unidades narrativas, também elas autônomas e justificadas tão-só pelo vago passar dos dias. Não são os eventos, em Lima Barreto, geradores de eventos, não formam – não pretendem formar – aquela cadeia, firme, coerente, inexorável, concebida como símbolo do inexorável, que comanda o ritmo de tantas obras dramáticas e de que Édipo Rei é o exemplo máximo. (1976, p.56.)

Paralelamente a essas críticas que apontavam a narrativa barretiana como confessional, houve, também, uma tendência de categorizar suas produções pelo viés sociológico, já que o autor era colocado no lugar de um “intérprete sagaz do seu país e do seu povo” (Lins, 1976, p.27). Ainda que considerado por alguns como “o autor brasileiro que nos viu até hoje com maior verdade e lucidez” (Lins, 1976, p.12) Lima Barreto colocou-se nesse lugar de autor dissonante em relação aos ditames representacionais de sua época. Ele propôs, tendo a verossimilhança como álibi, o romance como tela e as canetas como pincéis, desenhar uma representação que abarcava as contradições, tensões e desigualdades sociais típicos do Brasil no início do século XX. Contrariando a maioria de seus pares, sua ficção problematizou a dinâmica cultural violenta e excludente em relação aos marginalizados. Ele se dedicou a problematizar o agravamento das diferenças que também se materializavam na organização dos espaços urbanos.

Frente ao exposto, não é de espantar que a crítica literária da época, repleta de ecos do pensamento dominante e agindo como sua guardiã, não tenha destinado afagos a esse escritor insubmisso. Retomando o olhar para o principal palco dos jogos de tensões e disputas, a crítica postada nos jornais, o principal meio de sua propagação na época, quando associa sentidos de desvalor para uma obra, causa uma marca que antecede, de certa forma, a própria obra, pois apresenta ao leitor um primeiro julgamento sobre o livro e seu autor. A esse respeito, Martins aponta que “a crítica de jornal é um ensaio imediato que se escreve quando saem os livros, fazendo um primeiro julgamento conscientemente precário e provisório. É um julgamento literário que abre campo

para a fortuna crítica do livro e do autor" (1983, p.10).

É a partir dessa compreensão do papel formador da crítica jornalística que se estruturou o presente estudo sobre a recepção do romance barretiano. Como fontes, foram utilizados jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, datados entre 1907 e 1952, anos da publicação de seu primeiro romance e de sua primeira biografia, respectivamente. A busca empregou descritores relacionados à recepção crítica e leiga de suas obras, como o nome do autor e os romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Os Bruzundangas*.

A análise desse material revela que, mesmo em meio a críticas contemporâneas à publicação da literatura barretiana, há o reconhecimento de que seu projeto estético faz parte de um caminho de ruptura com o que era tido como literatura canônica. Em uma reportagem, o jornal *Gazeta de Notícias* (1916) aponta que as obras barretianas, "mesmo com as suas imperfeições, com seus traços sobrecarregados, elas revelam um novo e original espírito, sarcástico, frio às vezes, outras doloroso, irônico quase sempre, um escritor que pode ser brilhante na nossa literatura". Essa percepção da nova proposta implementada na obra barretiana é também colocada na revista *Fon Fon* (1916) ao descrever que o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* "era um ferro em brasa, e o público, habituado a não ver a verdade em trajes menores, ficou um momento espantado e confuso" e na *Revista Contemporânea* (1918), que descreve a narrativa barretiana, falando especificamente do *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, como sendo de uma "originalidade do estilo agradável fluente cheio de uma graça toda feita de sinceridade boêmia que ele vem do fundo da alma, sem o mínimo artifício".

Por sua vez, a revista *Vida Moderna* (1919) descreve Lima Barreto como um escritor que inaugura um novo que não segue escolas e *O Jornal* (1923) o qualifica como o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas. Em consonância com a ideia de originalidade de Lima Barreto, o *Correio Paulistano* (1948) relata que os seus heróis, quando não são mulatos, são funcionários públicos de inferior categoria, vendeiros, desclassificados, rábulas, gente cuja especialização é dada pela vida e não pela escola. Esse novo também é descrito por Coutinho quando nos diz que:

Com Lima Barreto, iniciou-se para a literatura brasileira uma nova etapa – moderna e popular – do realismo. Tanto em sua obra estética quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do “intimismo à sombra do poder”, colocando com grande clareza a dimensão social e humanista do ofício literário. Diante de todas as questões que enfrentou, como escritor ou periodista, Lima sempre tentou encontrar (e na esmagadora maioria dos casos efetivamente encontrou) uma resposta autenticamente democrática e popular, capaz de abrir novos horizontes – ideológicos e estéticos – para a cultura e para a arte de nosso país. (1972, p.54.)

Lima Barreto não era indiferente às críticas, porém é difícil dizer qual foi o real impacto delas em sua vida. Conforme Schwarcz (2017), ele ficou incomodado com o silêncio da crítica quanto à publicação de seu primeiro romance. Além disso, manifestou preocupação com a natureza e a função da crítica literária:

Um escritor, um literato, apresenta ao público, ou dá publicidade a uma obra; até que ponto um crítico tem o direito de, a pretexto de crítica, injuriá-lo? [...] Se o crítico tem razões particulares para não gostar do autor, cabe-lhe unicamente o direito de fazer, com a máxima serenidade, sob o ponto de vista literário, a crítica do livro. (Barreto, 1956, p.56-57.)

Em uma reflexão sobre o fracasso de vendas e a recepção crítica de seu primeiro romance, *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, o autor desabafa ao afirmar que “ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance à clef, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isto, os que não gostaram foi por isto também. Há algo mais do que isso em meu modesto volume” (Barreto, 1956, p.237-238).

Parece que seu romance de estreia foi predominantemente encarado como uma denúncia ou uma espécie de paródia da realidade. A revista *Careta* (1910) fez duas publicações apontando a indiscrição de Lima Barreto ao “fotografar” algumas figuras de jornalistas em sua obra *Recordações do Escrивão Isaías Caminha* e observou que ninguém procurou verificar onde começa a ficção e termina a realidade. A mesma revista, em 1938, em uma reportagem que criticava a imprensa nacional, citou o *Recordações do Escrивão Isaías Caminha* como “tendo a força de um depoimento”.

Feitas essas considerações, vale ressaltar que a dimensão artística de seu romance de estreia é pouco mencionada, ao passo que a descrição como autobiografia ganha espaço nos jornais, como em *Gazeta de Notícias* (1918) e no

Jornal do Commercio (1935). Em *O Jornal* (1922), a reportagem aponta que Lima Barreto deixou em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* “os dados de seu problema pessoal, que coincide com o de tantos outros”. No ano seguinte, em 1923, publica uma nova reportagem reafirmando que o supracitado romance é um “livro que encerra algo de autobiográfico, um livro confissão”. Na publicação da revista *A Manhã* (1945), declara que “quase toda a obra de Lima Barreto é confissão” e que “Isaias Caminha não escrevia suas recordações com um fim puramente literário”.

Alusões de que seu primeiro romance apresenta traços autobiográficos com elementos de ficção também são apontadas pelo *Correio Paulistano* (1949), *Diário de Pernambuco* (1946) e no *Diário de Notícias* (1949). Como visto, houve, por parte de seus críticos, a aplicação de um excessivo biografismo que fundamentava a ideia de que a literatura barretiana só poderia ser plenamente compreendida a partir da biografia de seu autor. O que foi propagado nos jornais e revistas sobre os romances barretianos nos primeiros anos de suas publicações foi, em sua maioria, uma associação de seus escritos com charges marcadas pela ironia, humor ácido e fortes traços de biografismo. Em *A Imprensa* (1909), o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é descrito como sendo uma charge de traços injustos e exagerados, enquanto em *O Paiz* (1927), é considerado uma história caricaturada.

Em *O Paiz* (1910), é dito que Lima Barreto “exagera as deformidades, os defeitos, os senões, exercendo sobre eles, com um prazer satânico, uma espécie de vingança de rebelado”. No entanto, em 1926, ao criticar o jornalismo brasileiro, o mesmo jornal usa o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como referência, traçando os perfis dos homens com “fígado podre”. Em 1928, reforçando a ideia caricatural da narrativa barretiana, o jornal faz alusão ao romance como forma de criticar Edmundo Bittencurt, dizendo: “Nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* há capítulos sensacionais sobre a vida rocambolesca do Dr. Edmundo Bittencurt”.

A interpretação predominante baseia-se na crença de que Lima Barreto satirizava figuras reais, como Edmundo Bittencurt, que era diretor do *Correio da Manhã* e, segundo a interpretação, seria o personagem Leborant. A revista *Leitura* (1945) publicou uma reportagem relacionando um trecho do romance

Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá ao Barão do Rio Branco. Esse trecho descreve um personagem que faz do Rio de Janeiro sua chácara, julgando-se acima das leis. A discussão sobre a correspondência entre a ficção barretiana e a realidade ganha destaque na crítica à medida que são identificadas supostas inspirações para a composição de seus personagens.

Em *O Jornal do Brasil* (1936), foi apresentada uma reportagem intitulada *A chave do Isaías*, que procurou listar as figuras da vida real representadas pelos personagens no romance em questão. No ano seguinte, em 1937, o mesmo jornal afirmou que Lima Barreto deixou em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* os dados de seu problema pessoal. O *Correio Paulistano* (1943) criticou essa associação com a realidade, afirmando que o primeiro romance de Lima Barreto colocou em foco um conceito sobre o jornal que parecia excessivamente amplo, generalizador e uniformizador. Em 1947, o mesmo jornal fez uma nova reportagem dizendo que “o jornal é um assunto que precisa ser tratado com lealdade, sem o excessivo pessimismo de Lima Barreto em *Isaías Caminha*”.

Enquanto o romance de estreia de Lima Barreto foi correlacionado como ficção autobiográfica, suas outras obras não encontraram uma recepção muito diferente. Em uma reportagem sobre sua vida e obra, o *Correio Paulistano* (1948) apontou que o romance *Clara dos Anjos* era cheio de material autobiográfico, ressentimentos, mágoas, problemas, além do modo como encarava a sociedade da época, com destaque para o problema da cor. Enquanto *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ganhava notoriedade por ser “um misto de comédia, drama e tragédia de alma”, como descreveu *O Jornal* (1936), o romance *Clara dos Anjos* ganhou espaço como uma obra de amor, conforme delineado pelo *Correio Paulistano* (1948). Na mesma reportagem, Lucia Miguel Pereira, que leu *Clara dos Anjos* antes da publicação, ainda datilografado, descreveu-o como “uma leitura indispensável para o conhecimento completo da personalidade e da obra do singular romancista”.

Outra característica marcante atribuída aos romances barretianos pela crítica contemporânea aos seus lançamentos foi a presença de uma crítica social e local. O jornal *A Noite* (1919) definiu Lima Barreto como um observador irônico do meio em que viveu e, em 1922, ao apresentar o romance *Os Bruzundangas*, descreveu-o como “uma crítica severa e mordaz da sociedade em geral e da

administração pública”. De fato, o cotidiano do homem é a moldura que envolve o contexto relacional dos personagens de Lima Barreto, reconhecido em *A Exposição* (1922) como um “flagrante palpitante da nossa vida, dos nossos hábitos, do nosso modo de agir e pensar”. Em *Gil-Blas: Pamphleto de Combate* (1919), o colunista escreveu que “os nossos homens, costumes e outras instituições são em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* aparecidos e julgados com justeza e agudeza”.

A opinião recorrente na crítica literária nas primeiras décadas do século XX era de que os romances de Lima Barreto retratavam os costumes cariocas, como exemplificado pela revista *D. Quixote* (1920). No *Diário de Notícias* (1930), um colunista apresenta Lima Barreto como “o melhor intérprete dos costumes cariocas”. Acrescentando uma dose de análise psicologizante, a revista *Euclides* (1939) publica uma reportagem intitulada “A vagabundagem lírica de Lima Barreto”, na qual o colunista descreve o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* como “uma obra mais reveladora sobre a psicologia carioca”. Ele declara que o personagem protagonista defende tudo que é “genuinamente carioca, que é tudo que reflete a pobreza, a humildade, o abandono à natureza, o desprezo ao preconceito, o horror e a hierarquia”.

Compartilhando da mesma perspectiva da maioria dos seus pares, a revista *Letras e Artes*, suplemento de *A Manhã* (1952) declara que o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* traduz “a psicologia urbana do Rio de Janeiro”. Em uma análise do referido romance, a revista *A.B.C.* (1919) diz que ele confirma as fulgurantes tradições literárias iniciadas nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* por “ter mesmo talento de observação, mesma maneira de caricatura psicológica dos homens e coisas, mesma amargura com sarcasmo, ironia e humor ferino”.

O *Diário de Notícias* (1946) publica uma dura reportagem criticando o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* não só quanto à forma, mas também acerca de como narra o cotidiano carioca. A reportagem descreve o romance como sem enredo, afirmando que o próprio título é enganoso, pois o livro diz muito pouco sobre a vida e a morte do personagem Gonzaga. Segundo o colunista, o referido romance inicia-se como uma sátira à burocracia nacional, seguida de páginas em que o autor transparece a raiva que as injustiças sociais, o preconceito racial e a limitação do ambiente lhe provocam, o que “prejudica-

lhe a serenidade artística, embora produzindo páginas de cadente e generosa humanidade [...]”.

Em *A Manhã* (1951), a crítica voltada ao romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* aponta que Lima Barreto fala dessa fatalidade urbana da capital do Brasil, reduzida a ser menos uma cidade do que uma sucessão de pequenas cidades. O teor da reportagem destaca os desafios impostos pela topografia para a consolidação da urbanização do Rio de Janeiro. Sobre a questão urbana e estrutural da cidade do Rio de Janeiro, o *Correio Paulistano* (1949) publica uma reportagem na qual afirma que Lima Barreto, nas páginas de *Clara dos Anjos*, descreve o subúrbio do Rio de Janeiro como “uma longa faixa de terra que se alonga, [...] tendo como eixo a linha férrea da Central”.

A *Revista das Revistas* (1917) defende que, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, há um “flagrante de descrições, traços de sofrimentos, a expressão real e vívida de toda uma vida de torturas, desenrolada em uma sociedade artificial e mentirosa”. No *Diário de Notícias* (1949), Lima Barreto é descrito como um denunciador do racismo. A reportagem cita um trecho do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* no qual o personagem Isaías percebe sobre si a ação do racismo ao ser tratado de forma diferente por conta da cor de sua pele. Sobre o referido trecho, comenta que “há nessa humilhação, sem dúvidas, o eco de muitas outras que o romancista sofreu pessoalmente”.

Curiosamente, apesar de ser uma das temáticas-chave de sua narrativa, a questão do racismo é relativamente pouco abordada no referido conjunto de recepção crítica. Uma das menções a respeito da questão racial foi apresentada em *O Jornal* (1946), que publicou uma reportagem falando sobre a peça de teatro *Imperador Jones*, que conta a história de um negro que se torna imperador. Na ocasião, o referido jornal aborda o tema do racismo no Brasil e menciona Lima Barreto como sendo uma voz contra o racismo na literatura brasileira. Como de praxe, é ressaltada a amargura do escritor que retratou Isaías Caminha vinculado a um “destino inevitável por ser mulato”. A respeito do romance *Clara dos Anjos*, foi publicada uma crítica em *O Jornal* (1948), a qual diz que o referido romance não tem o vigor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ou o tom lírico da narrativa do magnífico *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Aponta que “a história em si não vai além de um processo de sedução de uma

mestiça por um branco ordinário, tema das preferências do autor". A reportagem também ressalta que outra característica do romance é que ele destaca o subúrbio, seus aspectos físicos e sua gente.

Tendo como perspectiva a associação da literatura barretiana com o biografismo, a *Revista Feminina* (1919), em uma pequena nota, descreve o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* como "interessantíssimo", sendo "uma linda fantasia que serve de pretexto para o autor externar suas impressões pessoais sobre os homens e as coisas". Aparentemente com certa dose de sarcasmo, o jornal *Diário de Pernambuco* (1925) publica uma reportagem na qual fala do país dos Bruzundangas como algo descrito "por um mulato malcriado chamado Lima Barreto". Dois anos antes, em 1923, a revista *A.B.C.*, em um breve parágrafo, descreve o romance *Os Bruzundangas* como sendo uma forma como o autor "caricaturou o Brasil, seus habitantes e costumes".

Em paralelo às mordazes críticas, dentro do contexto das primeiras décadas do século XX, é também relativamente comum encontrar nos jornais reportagens, em tom de elogio, comentários que ressaltam a capacidade de Lima Barreto de descrever os homens e os fatos da atualidade, como exemplificado no *Jornal do Recife* (1923) ao lançar uma pequena nota de propaganda sobre o romance *Os Bruzundangas*. O que também pode ser considerado relativamente comum é encontrar reportagens que abordem aspectos da vida pessoal do autor. O jornal *A Noite* (1915) retrata Lima Barreto como sendo um despreocupado com sucesso na vida, com hábitos boêmios, embora fosse um excelente observador. O mesmo jornal, no ano de 1916, ao falar sobre o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, descreve a narrativa de seu autor como despreocupada, calma, natural e cheia de boemia, enquanto a revista *Crítica* (1929) o retrata como desventurado.

Nessa vertente de associar a vida pessoal do autor à sua narrativa, a revista *A.B.C.* (1918) descreve Lima Barreto como tendo alma de boêmio que fotografa a vida urbana em suas páginas salpicadas de ironia. A revista *O Cruzeiro* (1945) relata que Lima Barreto foi considerado o escritor mais infeliz de sua época devido à sua condição de negro e retinto em um período em que o preconceito racial era ainda mais intenso do que atualmente, referindo-se à data da publicação da reportagem. A revista continua dizendo que ele atraiu hostilidades por parte dos escritores e jornalistas proeminentes de sua época, retratando-os em suas obras por meio de

personagens com elementos mais ou menos transparentes, especialmente na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Além disso, mencionou que seus livros esgotados não eram reeditados, e havia rumores de que o Estado Novo planejava incendiar a reimpressão de *Os Bruzundangas*.

Um outro ponto interessante da recepção crítica das obras barretianas é que uma parte dela busca construir paralelos entre Lima Barreto e autores contemporâneos ou que o antecederam. Algumas reportagens fazem comparações superficiais, como o caso da revista *O Filhote* (1910), que comparou Lima Barreto ao poeta e dramaturgo francês Remy de Gourmont. Contudo, algumas comparações foram realizadas de maneira mais pormenorizada, como no caso da revista *A.B.C.* (1917). Em uma reportagem, a referida revista comparou Lima Barreto ao irlandês Swift, dizendo que se “trata da mesma sátira, mesma revolta disfarçando-se, amargurada, nas dobras de um sarcasmo contundente, é a mesma predileção descontente e altiva para olhar na vida o que está de disforme, de cômico, de mau”. A reportagem conclui dizendo que as semelhanças entre os supracitados escritores só não são mais completas por conta das desordens da boemia de Lima Barreto.

Em *O Paiz* (1926), Lima Barreto é descrito como um “verdadeiro Balzac suburbano”, ressaltando sua obra dolorosa, as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. A reportagem destaca a habilidade de Lima Barreto de buscar inspiração nos aspectos prosaicos e anônimos dos arrabaldes distantes para criar seus livros. Já a revista *Ilustração Brasileira* (1925) compara Lima Barreto a Cruz e Souza, apontando as características em comum entre os dois autores. Em *A Cigarra* (1922), ao fazer uma recepção crítica do romance *De que morreu João Feital*, escrito por Lucilo Varejão, a reportagem realiza um curto paralelo do referido romance com o projeto estético barretiano, almejando que “não lhe aconteça como ao pranteado Lima Barreto, cuja melhor obra é a menos cobiçada em razão do nome, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*”.

Possivelmente, uma das comparações mais significativas foi aquela que construiu paralelos entre Lima Barreto e Machado de Assis. O jornal *A Noite* (1916) fez essa comparação, dizendo que Machado de Assis “era essencialmente um filósofo disfarçado de humorista”, enquanto Lima Barreto foi descrito como “um satírico sem mentiras, cuja ironia consiste não em criar ridículos, mas em pôr em

relevo e à mostra os ridículos que já existiam, embora passassem despercebidos". O *Correio Paulistano* (1949) escreveu uma reportagem que apontou semelhanças e diferenças entre Machado de Assis e Lima Barreto. Nela, é dito que a principal discrepância entre um e outro é que Lima Barreto assumiu uma posição combativa contra o racismo. Tal posição era fundamentada "não apenas em um plano polêmico, de combate puro, de crítica áspera, mas num amplo plano de análise". Como forma de validar seu posicionamento, a reportagem segue construindo alusões sobre como o autor encarou o problema da desigualdade de oportunidades, de modo que o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* constituía um documento preciso.

Sobre a questão do combate ao racismo, as comparações entre Lima Barreto e Machado de Assis realizadas pela crítica das primeiras décadas do século XX colocam o primeiro em uma posição mais combativa e militante. A revista *Vida Carioca* (1952), ao fazer uma comparação entre os dois escritores, escreve que Lima Barreto teve uma "atitude agressiva ao proclamar seu negrismo, com que pretendia iniciar uma nova escola literária". A reportagem opta por descrever Lima Barreto como um "mulato bêbado" que tem "tudo às avessas de Machado de Assis, embora ambos tivessem o seu complexo de cor: um falando demais, o outro, de menos". Já a revista *A.B.C.* (1923) descreve Machado de Assis como um autor de abstrações contínuas e que a natureza e paisagem ficaram de fora de sua atenção, ao passo que Lima Barreto "pinta pequenas telas que dão vida a sua obra".

Como afirmou Schwarcz, "não é de hoje que se trava um verdadeiro Fla-Flu toda vez que se intenta traçar comparações entre as obras de Lima Barreto e as de Machado de Assis" (2017, p.453). Ainda segundo a autora, apesar de Machado de Assis ter falecido enquanto Lima Barreto ainda despontava como escritor e "de não existirem registros de contato direto entre os dois, a crítica nacional, desde a estreia do escritor de *Todos os Santos* na literatura, tentou opor, e de maneira crescente, o autor de *Memórias póstumas* ao de *Triste fim*" (2017, p.453). Um exemplo desse movimento de comparação entre os dois autores se deu pelo Conde Afonso Celso, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que era filho do Visconde de Ouro Preto, que foi padrinho de Lima Barreto:

O próprio Afonso Celso escreveu uma resenha do livro para o *Jornal do Brasil* de 28 de março de 1916, na coluna 'Cotas aos casos'. Mais uma vez, Lima foi definido como autor do romance à clef *Isaías Caminha*, que 'há anos produziu viva sensação em nossas rodas literárias'. Sobre Policarpo Quaresma, o conde tece elogios; afirma que é "um trabalho original e forte, muito superior ao antecedente [*Isaías*]'. Aproximando o livro de Lima a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, Afonso Celso distingue e compara os autores. Para ele, o primeiro escritor não possuiria "o estilo fluido, cintilante e conceituoso do mestre", nem a "docilidade, correção e ativismo" de Machado de Assis. (Schwarcz, 2017, p.433.)

Nesse caudaloso movimento de busca de semelhanças e diferenças entre os dois autores, um ponto que podemos dar como certo foi a forma como se deu a recepção crítica das suas respectivas obras. Na esteira da história, Machado de Assis foi celebrizado praticamente desde o início de sua produção como grande referência para a literatura brasileira, enquanto Lima Barreto só veio a ser reconhecido tardiamente. Vale ressaltar que a narrativa barretiana possuía essa vertente de antagonista com o sistema literário vigente do seu tempo. Lima Barreto foi um autor engajado, que fez tudo o que podia para ver reconhecida a sua arte, coisa que só aconteceu décadas após a sua morte:

Apostou tudo em seu talento, tudo investiu – seu sangue, sua juventude, seu suor – na aventura literária. Não se pode dizer que ele não tenha recebido reconhecimento. Importantes manifestações de uma parte da crítica do tempo situavam-no entre os grandes romancistas do tempo. Mas vieram, tais aplausos, aos pouquinhos e um pouco tarde. Sua vida já estava em declínio e, como desabafou, "as glórias tardias já vêm frias". (Moraes, 1983, p.10.)

Tudo leva a crer que o horizonte de expectativas das primeiras décadas do século XX não oferecia um cenário favorável à proposta literária barretiana. Segundo Jauss (1994), a relevância e os sentidos de um texto literário estão em consonância com os resultados de uma construção coletiva dos leitores, uma materialização de significados que emergem gradativamente por meio das leituras e das múltiplas interpretações da obra ao longo do tempo. Dessa forma, o conjunto de ajuizamento de valores construídos pela crítica adquire um papel singular enquanto lócus de análise, pois ele exerce um papel primordial no movimento de gerenciar e deslocar os sentidos construídos na cadeia de recepção. Ao que parece, o acúmulo das memórias forjadas pela crítica, a partir das categorizações dos romances barretianos como à *clef* e caricaturais, tendeu a corroborar com a manutenção da narrativa literária canônica do Brasil do final do século XIX e início

do XX, ao descredibilizar, enquanto arte, uma linha que professava um estilo que ia na contramão do pensamento hegemônico da época.

Daí a importância de nos debruçarmos nesse exercício reflexivo referente ao complexo movimento relacional da interação entre o leitor, seu horizonte de expectativas e a obra literária quanto à construção de significados e representações dentro de um contexto sócio-histórico. Logo, parece-nos razoável deduzir que existe algo de sociocultural que influencia a forma como os diferentes significados vão sendo formados e reformulados no ato da leitura e quanto ao seu quadro de recepção crítica. Tal perspectiva alimenta a nossa ideia de que a relevância de uma dada narrativa está diretamente relacionada à forma como sua representação dialoga com as demais representações em um dado momento.

Assim sendo, não há na obra literária um significado oculto e tampouco os sentidos do texto estão rigidamente definidos pelo seu autor (Jauss, 1994). Os sentidos de uma obra têm como berço a forma como ela é lida, interpretada e ressignificada por diferentes leitores e em diferentes contextos históricos. O que há entre o leitor e a obra é uma dinâmica que envolve elementos plurais, como os aspectos estéticos e o contexto histórico e sociocultural. Assim, é razoável crer que os significados de uma obra literária são fluidos e se deslocam de acordo com a experiência coletiva de seus leitores ao longo do tempo.

Considerações finais

As reflexões sobre o modo como os críticos de Lima Barreto enxergavam a sua narrativa no contexto de seu lançamento, ou seja, como o público, por intermédio de uma lente moldada pela cultura hegemônica do Brasil em um dado recorte temporal, nos ajudam a compreender como foram criadas representações para a literatura barretiana, que também é representação. As recepções de suas publicações na ocasião de sua estreia, na esfera do sincrônico, resultantes dos primeiros contatos do público com suas obras, podem ser observadas por uma categoria associada a uma recepção primária, que tem como substrato o movimento relacional do repertório sociocultural do leitor e seu horizonte de expectativas. Já da perspectiva diacrônica, há acréscimos dos elementos resultantes de uma cadeia de recepções, um acúmulo de memórias sobre sua narrativa, interpretações que vão se sobrepondo e se atualizando nesse

fluido jogo relacional do deslocamento dos sentidos ao longo do tempo.

Essa concepção de cadeia de recepção nos possibilita mapear como a memória das diferentes significações vão sendo construídas a partir dos diferentes critérios de recepção e dos efeitos daí produzidos. É dentro de um horizonte de expectativas que a relação enunciativa vai sendo mobilizada e ganhando ideias de sentido. Em um momento em que o racismo vigorava como tônica referencial na classificação hierárquica de valores, Lima Barreto ousou seguir um caminho diferente dos professados pela maioria das narrativas literárias tidas como canônicas do seu tempo. Como esperado, os sentidos de suas obras se deram pela negociação com as representações naturalizadas naquele contexto. Daí a chave da interpretação de sua literatura ser constantemente associada à materialidade de sua vida. A questão é que essa postura psicologizante de sua recepção crítica tende a limitar a potência de suas criações por encará-las como reflexos diretos da forma como o seu criador viveu.

REFERÊNCIAS

- A BRUZUNDANGA entre Aspas. A.B.C.: questões sociais, políticas, letras e atualidades, Rio de Janeiro, ed. 00130, 1 de set. 1917, p.11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/1854>. Acesso em: 30 set. 2024.
- A CHAVE do Isaias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ed. 00041, 16 fev. 1936, p.14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/61876. Acesso em: 20 set. 2024.
- A CIDADE e a Paisagem. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 02966, v. 1, n. 3, abr. 1951, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/52647?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 3 set. 2024.
- À MARGEM de Vida e Morte de M. J. Gonzaga De Sá. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 07336 (1), 22 set. 1946, p.17. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/29785?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 10 ago. 2024.
- A PROSA e os Prosadores no Brasil. *A Exposição de 1922: Órgão da Comissão Organizadora*, Rio de Janeiro, ed. 00008-00009. Nov. 1922, p.73. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800899/345>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- A REVISTA Americana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, ed. 09244. 25 jan. 1910, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_04/394. Acesso em: 15 jun. 2024.
- A VAGABUNDAGEM Lírica de Lima Barreto. *Euclydes*, Rio de Janeiro, ed. 05, n. 1, v.1, nov. 1939, p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/847208/74?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 21 set. 2024.
- A VIDA Literária. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, ed. 00728, 18 dez. 1909, p.01. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/245038/8032>. Acesso em: 7 maio 2024.
- A VIDA Literária. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ed. 01187, 26 nov. 1922, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/10874. Acesso em: 20 maio 2024.
- AINDA a Propósito de um Rebelado. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, ed. 00111, 12 maio 1946, p 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/22332. Acesso em: 20 set. 2024.
- AINDA Lima Barreto. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 08058 (1), 30 jan. 1949, p.25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43426?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 24 ago. 2024.
- ALMANACH da Glória. *Careta*, Rio de Janeiro, ed. 0123, 8 out. 1910, p.19. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/083712/3345>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- AS OBRAS Completas de Lima Barreto. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ed. 0013 (1), 20 jan.

- 1945, p.117. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/44763?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- ATRAVÉS dos Livros. *Gil-Blas: Pampheto de Combate*, Rio de Janeiro, ed.00009 (1). 10 abr. 1919. P.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/224561/145?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima, et al. *Diário íntimo*. Editôra Brasiliense, 1956.
- BIBLIOGRAPHIA. *Revista das Revistas*. Rio de Janeiro, ed. 00001, nov. 1917, p.67. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/142247/67>. Acesso em: 22 set. 2024.
- BOTA FOGO. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 28449 (1), 4 jan. 1949, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40605?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 3 ago. 2024.
- CAMARÃO Seco. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ed. 15841, 4 mar. 1928, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/33133. Acesso em: 7 jun. 2024.
- CAMPEÃO de Xadrez. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ed. 15078, 31 jan. 1926, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/24179. Acesso em: 4 jun. 2025.
- CAPÍTULO de um Romance. A.B.C.: questões sociais, políticas, letras e atualidades, Rio de Janeiro, ed. 00209, 8 mar. 1919, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/3355>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. *Revista das revistas*. Estudos Avançados, 1991.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p.1-56.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- EDIÇÕES da Revista do Brasil. D. Quixote, Rio de Janeiro, ed. 00185 (1), 24 nov. 1920, p.3. Disponível em: 21 ago. 2024. <http://memoria.bn.br/DocReader/095648/5354?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>
- EM TORNO de Lima Barreto. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 08052 (2), 28 jan. 1949, p.25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_02/43304?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 25 jul. 2024.
- FACULDADE de Medicina. *O Filhote*, Rio de Janeiro, ed. 00018, 13 jan. 1910, p.18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/339709/552>. Acesso em: 08 maio 2024.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de la Memoria*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.
- HOMENAGEM Póstuma a Lima Barreto. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 00165, n. 1, fôlio, n.1, v.17 (2026) – ISSN 2176 4182

v. 21, nov. 1930, p.3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/093718_01/2547?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 24 maio 2024.

ISAIAS Caminha. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 28600 (1), 2 jul. 1949, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43059?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 7 ago. 2024.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JORNAL e Jornalismo. *Correio Paulista*, São Paulo, ed. 28136, 24 dez. 1947, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/35768. Acesso em: 5 jul. 2024.

LETRAS Brasileiras. *Vida Carioca*, Rio de Janeiro, ed. 0287, 24 jul. 1952, p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/156574/6476>. Acesso em: 5 ago. 2024.

LIMA Barreto e Cruz e Souza. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ed. 00064, dez. 1925, p.93. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/107468/10021>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA Barreto e Sua Obra. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ed. 00191 (1), 15 maio 1935, p.8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_12/36406?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA Barreto. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 28445 (1), 29 dez. 1948, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/40537?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 14 jun. 2024.

LIMA Barreto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ed. 00008, 10 jan. 1937, p.12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_05/71915. Acesso em: 5 jun. 2024.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LIVROS Novos. *A Cigarra*, São Paulo, ed. 00198 (1), 1922, p.50. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/5653?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 25 set. 2024.

LIVROS Novos. *Jornal Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 00002, 2 jan. 1918, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/42945. 19 set. 2024.

LIVROS Novos. *Revista Feminina*, Rio de Janeiro, ed. 0061 (1), 1919, p.17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/212547/830?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 5 jun. 2024.

LIVROS. *Fon Fon*. Rio de Janeiro, ed. 00039, 23 set. 1916, p.33. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/259063/25927>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

- MONTENEGRO. Olívio. Prefácio. In: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Coisas do reino do jambon*. São Paulo: Brasiliense. 1956.
- MORAES, Régis de. *Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NO AJUSTE de contas. A.B.C.: questões sociais, políticas, letras e atualidades. Rio de Janeiro. Edição 00166. 11 de maio de 1918. p.11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/2512>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- NOTAS e Comentários. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 26778, 27 jun. 1943, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/15251. Acesso em: 14 jun. 2024.
- O BARÃO do Rio Branco visto por Lima Barreto. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1945, ed. 00032 (1), p.42. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/3978?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- O DRAMA do Jornal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ed. 05152, 5 abr. 1936, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/29502. Acesso em: 22 jun. 2024.
- O LIVRO de um Ironista. *Crítica*, Rio de Janeiro, ed. 00124. 13 abr. 1929, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/372382/932>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- O NOVO Livro de Lima Barreto. *A Noite*. Rio de Janeiro, ed. 02607, 18 mar. 1919, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/14622. Acesso em: 7 ago. 2024.
- O NOVO Romance de Lima Barreto. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 01666, 9 ago. 1916, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/9032. Acesso em: 8 maio 2024. Acesso em: 15 jun. 2024.
- O NOVO Romance de Lima Barreto. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 01666, 9 ago. 1916, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/9032. Acesso em: 8 maio 2024. Acesso em: 15 jun. 2024.
- O QUE DEVEMOS Rer nos Romances Brasileiros. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, ed. 00267 (1), 19 out. 1952, p.5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3334?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- O SIGNIFICADO Social dos Romances de Lima Barreto. *A Manhã*, Rio de Janeiro, ed. 01200, 8 jul. 1945, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/27237>. Acesso em: 11 set. 2024.
- OS BRUZUNDANGAS. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 03951 (1), 30 nov. 1922, p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_02/7948?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22. Acesso em: 14 set. 2024.
- OS BRUZUNDANGAS. *Jornal do Recife*, Pernambuco, ed. 00021 (1), 26 jan. 1923, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/87113?pesq=%22Os>

[%20Bruzundangas%22](#). Acesso em: 14 set. 2024.

OS DOIS. O Paiz. Rio de Janeiro. Edição 15415-15416. 4 de janeiro de 1927. p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/28338. Acesso em: 14 set. 2024.

PAULA JR., Josias de. Lima Barreto: crítica literária e marginalidade social. In: CIRCULAÇÃO, TRAMAS & SENTIDOS NA LITERATURA, 19., 2019, São Paulo. Anais do 19º Circulação, Tramas & Sentidos na Literatura. São Paulo: ABRALIC, 2019.

PUBLICAÇÕES. Correio Paulistano, São Paulo, ed. 28388 (1), 20 out. 1948, p.14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/39655?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 16 jun. 2024.

SCENAS de Revista. Diário de Pernambuco, Pernambuco, ed. 00201 (1), 30 ago. 1925, p.4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/15615?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22. Acesso em: 8 jun. 2024.

SCHWARCZ, Lília. Lima Barreto - Triste visionário. Brasil, Companhia das Letras, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

TEXTOS de Literatura. O Jornal, Rio de Janeiro, ed. 08033, 7 jul. 1946, p.25. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/33904. Acesso em: 14 jun. 2024.

TRISTE Fim de Policarpo Quaresma. Jornal Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ed. 00195, 14 jul. 1916, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/38405. Acesso em: 17 jun. 2024.

UM GRANDE Romancista. Vida Moderna, Pernambuco, ed. 0017 (2), 24 maio 1919, p.20. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/402109/384?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 18 jun. 2024.

UM PRÍNCIPE do Humor. A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes, Rio de Janeiro, ed. 00414 (1), 10 fev. 1923, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6574?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.

UM PRÍNCIPE do Humor. A.B.C.: Política, Actualidades, Questões Sociaes, Letras e Artes, Rio de Janeiro, ed. 00414 (1), 10 fev. 1923, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830267/6574?pesq=%22Os%20Bruzundangas%22>. Acesso em: 10 jul. 2024.

UM ROMANCE de Lima Barreto. O Jornal, Rio de Janeiro, ed. 08764 (1), 21 nov. 1948, p.8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_04/46345?pesq=%22Clara%20dos%20Anjos%22. Acesso em: 8 jun. 2024.

UM ROMANCE novo. Revista Contemporânea, Rio de Janeiro, ed. 00018 (1), 8 mar. 1918, p.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/351130/373?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22>. Acesso em: 20 maio 2024.

UM ROMANCE que Vae Causar Sucesso. *A Noite*, Rio de Janeiro, ed. 01154, 12 mar. 1915, p.1. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_01/5995. Acesso em: 8 maio 2024.

VIDA Literária. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ed. 01391 (1), 22 jul. 1923, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/13264?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 11 maio 2024.

VIDA Literária. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ed. 01391 (1), 22 jul. 1923, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/13264?pesq=%22Vida%20e%20morte%20de%20M.%20J.%20Gonzaga%20de%20Sá%22. Acesso em: 11 maio 2024.

VIDA Literária: Isaias Caminha. *Correio Paulista*, São Paulo, ed. 28626, 2 ago. 1949, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/43462. Acesso em: 19 jul. 2024.

Silence and Caricature: The Critical Reception of Lima Barreto's Novel in the First Half of the 20th Century

ABSTRACT

This study analyzes the critical reception of Lima Barreto's fictional narrative in the early 20th century. It begins with an understanding of literature as an artistic production endowed with meaning in itself, so the focus of the analysis falls on the ways in which it was interpreted and evaluated in a given context. In this sense, it investigates how literary criticism, strongly linked to the hegemonic aesthetic and ideological values of Brazil in the first decades of the 20th century, reacted to a literary project that broke with the canonical parameters of its time. The research is based on the analysis of newspapers and magazines published between 1907 and 1952, available in the Brazilian Digital Newspaper Library, with special attention to the receptions of the novels *Memoirs of the Scribe Isaiah Caminha*, *Clara dos Anjos*, *Life and Death of M. J. Gonzaga de Sá*, and *The Bruzundangas*. It is argued that Lima Barreto's narrative, by shifting the focus from non-objectified literature to Black and mixed-race characters and to the exposure of the social and racial contradictions of the period, produced a break with expectations regarding the prevailing canon, which contributed to a reception marked by resistance, disqualification, and reductive readings. By mapping these initial forms of reception, the article highlights how a critical memory was constituted that conditioned the first representations of Lima Barreto's works and helped to define the meanings attributed to his narrative in the Brazilian literary scene of the early 20th century.

KEY WORDS:

Lima Barreto
Critical reception
Racial representation
Literary canon
Silencing
Social memory

SUBMETIDO: 5 de março de 2026 | **ACEITO:** 28 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
